

CIBORGUES INVADEM A MODA: CORPO, GÊNERO E MEDICINA

Cyborgs invade Fashion: Body, Gender and Medicine

Aires, Aliana Barbosa; Mestre; ESPM-SP, alianaires@gmail.com¹
Souza, Josenilde; Mestre; PUC-SP, jooamanda@gmail.com²

Resumo: Nossa proposta neste artigo é analisar a construção fashion e identitária do cyborg, conceito apresentado por Haraway em 1984, que serviu de inspiração para o desfile da Gucci, realizado na semana de moda de Milão, em fevereiro de 2018, pelo estilista Alessandro Micheli, por meio da análise de elementos presentes no cenário, nas roupas e no styling do desfile.

Palavras chave: desfile de moda, corpo, ciborgue.

Abstract: Our proposal in this article is to analyze the fashion and identity construction of the cyborg, concept presented by Haraway in 1984, which was the inspiration for the Gucci fashion show, held in Milan in February 2018, by designer Alessandro Micheli, for through the analysis of elements present in the scenery, in the clothes and in the styling of the parade.

Keywords: fashion show, body, cyborg.

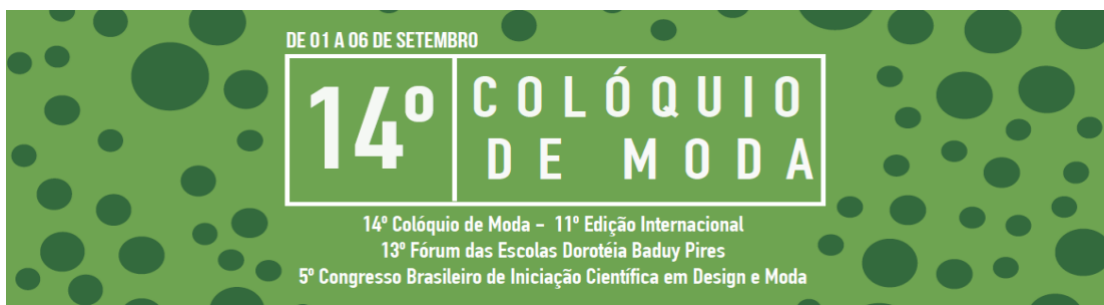
Introdução

A problemática do sujeito vem sendo objeto de análise de Marx a Nietzsche e Foucault, com a desconstrução da noção de sujeito moderno e a construção de novas formas de subjetividade e existência, como aquela identificada pela filósofa americana Donna Haraway nos anos 80: o ciborgue, um híbrido pós-humano, metáfora de um mundo marcado de forma crescente pelo binômio ciência e tecnologia.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo – PPGCOM/ESPM. Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM/ESPM. E-mail: alianaires@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica – PUC/SP. Mestre em Comunicação e Semiótica. E-mail: jooamanda@hotmail.com.





Na atual cena contemporânea, em que ganham destaque discussões acerca de gênero e dos limites da medicina em investir sobre os sujeitos, o estilista da Gucci, Alessandro Micheli, inspirado no manifesto ciborgue de Haraway, nos apresentou “corpos ciborgues” na passarela de seu último desfile, em fevereiro de 2018 em Milão.

Ambientado em uma sala que remetia a um hospital, o desfile trouxe imagens, por exemplo, de modelos segurando réplicas da própria cabeça e carregando um pet dragão recém-nascido. Suscitando múltiplas interpretações, vindas de um vasto baú semiótico de referências, a grife problematizou questões como feminismo, gênero, religião, medicina e biologia.

Desse modo, nossa proposta neste artigo é analisar a construção identitária do ciborgue através da moda, por meio da análise de elementos presentes no cenário, nas roupas e no styling do desfile da Gucci, relacionando-os às noções de bioidentidade (Ortega, 2003) e biossociabilidade (Rabinow, 1999).

O desfile da Gucci e o cyborg de Haraway: aproximações

Em fevereiro de 2018, a marca Gucci apresentou coleção de outono-inverno 2018-2019 na passarela da semana de moda de Milão, em cenário que remetia a uma sala de cirurgia hospitalar, com paredes de PVC em tom esverdeado, hardware de pânico, lâmpadas de LED, e mesa cirúrgica ao centro com sinalização no chão, dentre outros.

Os convidados para o desfile foram alocados em cadeiras de espera que remetiam àquelas de consultórios médicos e hospitais, que geralmente causam um mal-estar nos acompanhantes dos pacientes, à espera de boas ou más notícias. O estilista da marca também buscava essa sensação de mal-estar, angústia e incômodo naqueles que iriam assistir ao seu desfile.

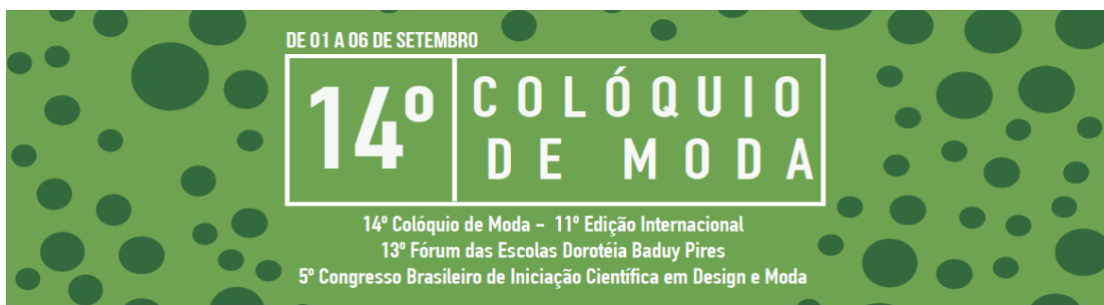


Figura 1: Cenário Desfile da Gucci, 2018



<http://designaddicts.com.au/platform/2018/02/26/gucci-cyborg/?lang=pt>, 2018

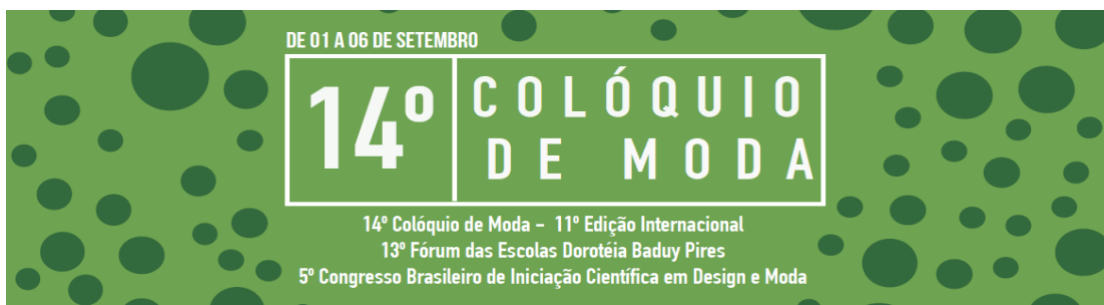
Figura 2: Cenário Desfile da Gucci, 2018



<http://designaddicts.com.au/platform/2018/02/26/gucci-cyborg/?lang=pt>, 2018

Neste ambiente estéril, com música de fundo sugerindo batimentos cardíacos, desfilavam modelos aparentemente estranhos, alguns carregando a própria cabeça como acessório, outros carregando répteis, e até modelos com terceiro olho: todos apresentando uma expressão facial apática e olhar distante, eles se apresentavam de tal modo que não parecia terem um gênero específico, fugindo do modelo binário tradicional. Poderíamos ainda suspeitar que aqueles

3



seres estranhos que desfilavam na passarela não se tratavam de humanos, essa é a grande chave para interpretar o desfile: o conceito de pós humano proposto pela Gucci, através da figura do cyborg.

Figura 3: Cenário Desfile da Gucci, 2018



<http://designaddicts.com.au/platform/2018/02/26/gucci-cyborg/?lang=pt>, 2018

Figura 4: Desfile da Gucci, 2018

14º COLÓQUIO DE MODA

14º Colóquio de Moda – 11ª Edição Internacional
 13º Fórum das Escolas Dorotéia Baduy Pires
 5º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda

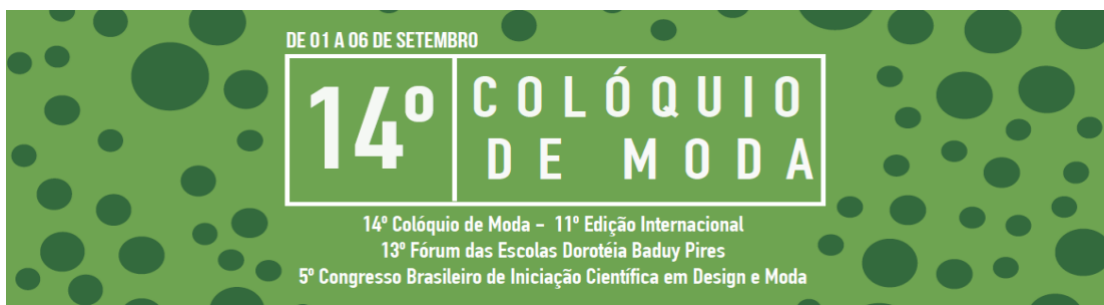


Fonte: <https://www.nytimes.com/2018/02/22/style/gucci-alessandro-michele-milan-fashion-week.html>, 2018.

A inspiração do estilista da Gucci, Alessandro Michele, foi a obra “O Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, publicada pela filósofa e bióloga feminista, Donna Haraway, em 1984. O texto, que critica os limites das identidades de gênero e reflete sobre a influência da ciência e da tecnologia no Ocidente, se tornou em combustível para o estilista criar peças e compor os looks da coleção.

Mas o que é um cyborg e quais as ideias debatidas por Haraway neste ensaio? Desde a década de 60 do século XX, sobrevive, no imaginário tecnológico, a ideia de um ser cibernético, parte máquina, parte organismo. A imagem nos remete às ficções científicas, como nos filmes Star Trek e Exterminador do Futuro. “Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo” (Tadeu, 2009, p.11).

Mais recentemente, o filme “A forma da Água”, vencedor do Oscar em 2018, versa sobre a história de amor entre uma mulher e um ser anfíbio, celebrando o sexo-cyborg, que segundo Haraway restabelece, em alguma medida, “a admirável complexidade replicativa das samambaias e dos



invertebrados – esses magníficos seres orgânicos que podem ser vistos como uma profilaxia contra o heterossexismo” (Haraway, 2009, p.36).

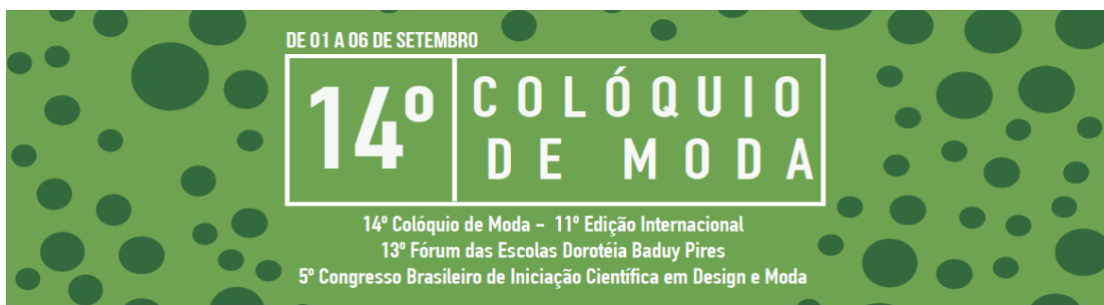
Recorrente não só nas ficções científicas da atualidade, mas também na medicina e na guerra, a imagem do ciborgue surge, e de acordo com Haraway, se afirma como um “mito político”. “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (Haraway, 2009, p.36).

A relação do homem e da máquina parece retirar, a priori parte da humanidade que existe e afastar o cyborg da realidade social. No entanto, a verdade é que a imagem do cyborg fascina tanto e é tão retratada no contemporâneo, porque, na verdade, este ser captura muito da subjetividade humana. Em última instância, o cyborg somos nós mesmos. “ no final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues”(HARAWAY,2009, p.36).

Quando partirmos da concepção de cyborg, já produzimos mentalmente uma relação de forma que aquele ser “menos humano” possui. Híbrido de máquina e organismo, ele invoca dois pontos, que Haraway explicita: I) uma ficção que mapeia nossa realidade social e corporal; e II) um recurso imaginativo que pode desencadear uma prática política, através de múltiplos acoplamentos.

Além desses dois aspectos, o ciborgue corporifica o rompimento de algumas fronteiras, tão caras à ontologia e à epistemologia ocidentais: a existente entre natureza e cultura, humano e animal, homens e mulheres, primitivo e civilizado e entre mente e corpo. Tomaz Tadeu, num lúcido ensaio sobre a imagem do ciborgue em Haraway, conceitua:

Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos “artificiais”. Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados “artificialmente” induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tesão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros. Clones. Seres “artificiais” que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as



limitadas qualidades e as evidentes fragilidades dos humanos. Máquinas de visão melhorada, de reações mais ágeis, de coordenação mais precisa. Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase “artificiais”; seres “artificiais” quase humanos. Biotecnologias. Realidades virtuais. Clonagens que embaralham as distinções entre reprodução natural e reprodução artificial (TADEU, 2009, p.11).

Uma questão importante que o manifesto cyborg problematiza é a respeito do gênero, uma categoria vista como natural, e submetida a um sistema binário que diferencia o masculino do feminino. Partindo do feminismo socialista, Haraway desconstrói a ideia de que o gênero e o sexo são consoantes “por natureza”, e coloca que as tecnologias “são instrumentos cruciais no readestramento de nossos corpos. Estes instrumentos incorporam e reforçam as novas relações sociais para as mulheres do mundo inteiro” (p. 262).

Mas estes mesmos instrumentos podem servir para subverter e promover uma nova maneira de perceber a identidade, já que a própria categoria não deve ser encarada como natural, pois, no momento em que se delimita o “ser mulher” ou “ser homem”, delimitamos também as possibilidades de vida dos seres humanos e as regulamos no sentido de reafirmar a ordem do patriarcado, que considera todos aqueles que não têm sua identidade de gênero consoante com seu sexo, como seres anormais e que precisam ser afastados e ‘curados’ para adentrar na ‘normalidade social’.

A passarela da Gucci dialoga com essas noções binárias sobre o sexo e o gênero, apresentando uma perspectiva transgressora, que traduz a identidade sexual do cyborg. O styling do desfile revela isso ao produzir modelos identificados como masculinos com peças femininas e modelos identificadas como femininas com vestes e looks masculinizados de algum modo específico. Uma estratégia interessante que Michele usou para “apagar” o gênero dos modelos foi o uso de gorros do New York Yankees e San Francisco Giants, times de baseball norte-americanos.

Figura 5: Desfile da Gucci, 2018



Fonte: <https://glamurama.uol.com.br/modelos-carregam-as-proprias-cabecas-em-desfile-na-semana-de-moda-de-milao-vem-ver/#9>, 2018.

Como vemos nas imagens acima, o gorro apagava os traços marcantes de gênero binário tal como se convencionou no ocidente, e abrem brechas para a imaginação na composição de estilos que estão longe de determinar uma identidade de gênero única. O modelo no meio, por exemplo, identificado no modelo binário como pertencendo ao gênero masculino, além de usar o gorro na face, é vestido com um camisa-vestido, que remete ao feminino, embora o calçado e a pasta que ele carrega tenham estilo masculino.

A modelo à direita, identificada como sendo do gênero feminino de acordo com o modelo binário, também repete esta fórmula, ao ser vestida com uma combinação de moletom e sobreposições de camisetas na parte superior, e calça xadrez na parte inferior.

Essa mesma estratégia de apagamento do gênero também foi usada em composições com véus e lenços enrolados sobre o pescoço, como vemos na foto abaixo, o que também remete a trajes religiosos, sugerindo questões ligadas à religião, especialmente ao hibridismo e sincretismo nesta esfera. A mensagem a ser passada é que o ser cyborg não tem um único gênero, tampouco uma religião definida.

Figura 6: Desfile da Gucci, 2018



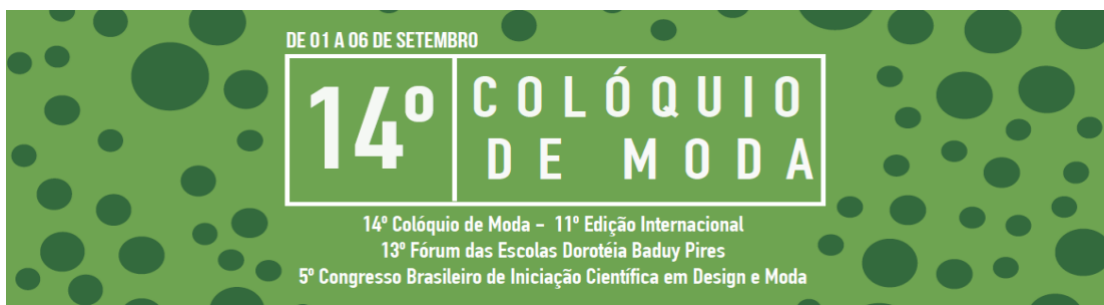
Fonte: <https://glamurama.uol.com.br/modelos-carregam-as-proprias-cabecas-em-desfile-na-semana-de-moda-de-milao-vem-ver/#9>, 2018.

Também desfilaram na passarela imagens vinculadas a tradições, como acessórios de correntes usados por mulheres da Antiga União Soviética e nas balaclavas, essas estampadas com desenhos similares aos usados nas máscaras de luta livre mexicana, além de modelos de véu bordados, com um chador muçulmano reconstruído.

Bioidentidades, biossociabilidades e biopolíticas ciborgues

Essa mistura de referências quanto a tradições, religiões, nacionalidades e gêneros apresentada no desfile da Gucci é usada para representar as características de um ser pós-humano, cuja identidade não é mais modelada pelas categorias tradicionais que antes identificavam os indivíduos, como a nacionalidade, raça, religião e gênero, por exemplo.

Esse ser é antes de tudo um corpo (corpo prótese), que revela a centralidade do corpo na cultura contemporânea. Segundo Foucault, o corpo, na sua dimensão biológica, é o objeto sobre o qual se realiza todo o



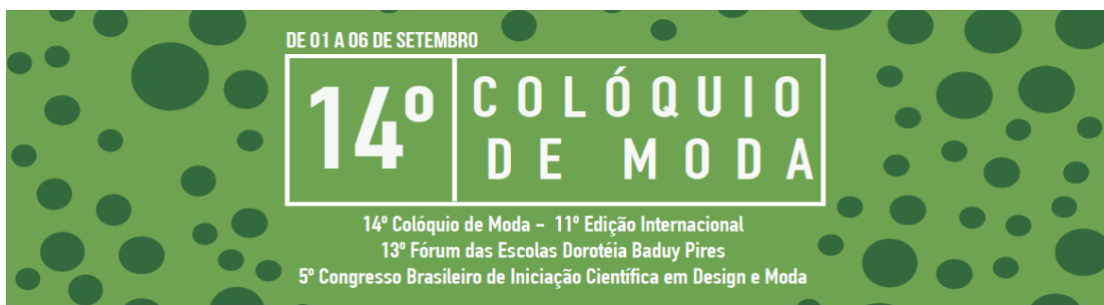
investimento da sociedade capitalista. Assim o corpo se torna uma realidade biopolítica, e a medicina uma estratégia biopolítica visando a medicalização e a normalização da sociedade. “Biopolítica designa, pois, essa entrada do corpo e da vida, bem como de seus mecanismos, no domínio dos cálculos explícitos do poder” (PELBART, 2011, p.24).

Para compreender a constituição da sociedade capitalista no que tange à produção de verdades e de subjetividades, Foucault se dedicou a estudar as relações de poder na perspectiva dos investimentos sobre o corpo. Assim, Foucault postula que até o século XVI as relações de poder se organizavam em torno do soberano, que podia dispor sobre a vida dos súditos – que tinha o poder de fazer morrer. Entre os séculos XVII e XVIII, com a ascensão do capitalismo e a necessidade de medidas para o controle do corpo do trabalhador, surge um novo tipo de poder: o poder disciplinar, cuja função principal recai no investimento sobre o corpo individual. Recai na preparação-disciplinarização para a produção.

A partir da segunda metade do século XIX, ainda conforme Foucault, delinea-se o biopoder, cujas técnicas disciplinares se dirigem ao corpo da população. Para Pelbart (2011) se as disciplinas se dirigiam ao homem-corpo, a biopolítica se dirige ao homem vivo:

O “fazer viver” a que se refere Foucault, característico do biopoder, se reveste de duas formas principais: a disciplina e a biopolítica. A primeira, já analisada em Vigiar e punir, data do século 17, e surge nas escolas, hospitais, fábricas, casernas, resultando na docilização e disciplinarização do corpo. Baseada no adestramento do corpo, na otimização de suas forças, na sua integração em sistemas de controle, as disciplinas o concebem como uma máquina (o corpo máquina), sujeito assim a uma anátomo-política. A segunda forma, a biopolítica, surge no século seguinte e mobiliza um outro componente estratégico, a saber, a gestão da vida incidindo já não sobre os indivíduos, mas sobre a população enquanto população, enquanto espécie (PELBART, 2011, p.57).

Neste contexto o controle se estabelece de dentro para fora, num modelo em que cada indivíduo atua como gestor de si e a sociedade é regida segundo um modelo empresarial. O objetivo da biopolítica é fabricar, organizar



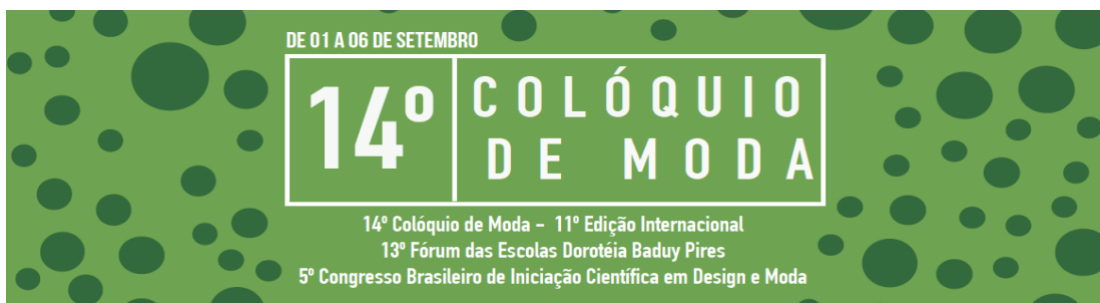
e planejar de modo a regular e governar a vida da população (Foucault 2008, p. 21).

De acordo com essa nova lógica, Ortega (2003) nomeia as identidades contemporâneas centradas no corpo de bioidentidades, as quais têm deslocado para a exterioridade o modelo internalista de construção e descrição de si. Isso significa que houve um deslocamento progressivo do modelo interior de si, que valorizava os valores morais do eu, para um modelo exterior, onde o corpo e as práticas de remodelamento e modificação deste imperam, identificando o eu pela sua aparência.

Na perspectiva da bioidentidade a medicina exerce um papel primordial por oferecer as tecnologias capazes de modificar o corpo, e conseqüentemente, alterar também a subjetividade. Desde antes do nascimento do sujeito que somos regulados pela medicina, pelas máquinas de ultrassom e demais aparelhos técnicos, que os médicos determinam qual o nosso sexo (e, automaticamente, o nosso gênero), ao exprimir que o feto “é um menino(a)”. A tecnologia já incide e é por nos modificada para regularmos e modificarmos as coisas com o propósito de regular e estilizar nossos corpos e nossas formas para que estas possam equivaler a um ideal tido dentro do binário “feminino” e “masculino”.

Ao promover a cirurgia para mudança de sexo, por exemplo, a medicina brinca com os limites impostos pela natureza e desafia as regulações biopolíticas de controle sobre o corpo, diluindo as categorias binárias de gênero. O mesmo acontece com as cirurgias plásticas, que alteram drasticamente partes do corpo humano, alterando também a identidade de quem é submetido a elas. Essa intervenção da tecnologia médica no corpo humano é um dos temas centrais explorados por Haraway em seu ensaio sobre o cyborg. O cenário hospitalar, com a maca ao centro, no desfile da Gucci, representa esse papel da medicina de fabricar corpos ciborgues.

Conseqüentemente, essas (bio)identidades também estão relacionadas ao conceito de biossociabilidade. Sobre o conceito de biossociabilidade:



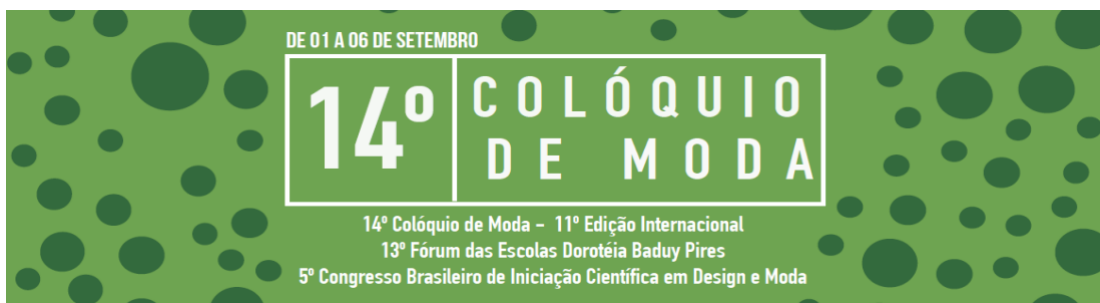
A biossociabilidade é uma forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critérios de agrupamento tradicional como raça, classe, estamento, orientação política, como acontecia na biopolítica clássica, mas segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade, etc. Criam-se novos critérios de mérito e reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideais de sujeito baseados no desempenho físico. As ações individuais passam a ser dirigidas com o objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude, etc (ORTEGA, 2003, p.05).

Rabinow (1999) reflete que as mudanças decorridas da sofisticação tecnológica na medicina devem mudar todo o tecido social, resultando em novas práticas, que vão criar uma enorme rede de circulação de termos de identidade. Para ele, haverá a formação de novas identidades e práticas individuais e grupais, e surgirá um tipo verdadeiramente novo de autoprodução: a biossociabilidade.

Para Rabinow (1999) haverá uma dissolução do sujeito tradicional, e as classificações culturais tradicionais serão rearranjadas em novas classificações que irão se sobrepor, parcialmente substituir, e eventualmente redefinir as categorias mais antigas de diversas maneiras. Entendemos, de acordo com o autor, que as biossociabilidades vão ensejar novas maneiras de partilhar as experiências, criando novas sensibilidades e novos circuitos de afeto.

O desfile da Gucci em si é uma manifestação das biossociabilidades contemporâneas, apresentando indivíduos que se vinculam por meio da não-vinculação às categorias tradicionais (gênero, nação, religião, etc). A moda e a medicina constituem-se como práticas centrais que criam novas categorias de identificação do eu, como a tecnologia e o consumo, formando sujeitos que se identificam por meio de bioidentidades e biossociabilidades ciborgues.

Consumidores ciborgues: considerações finais



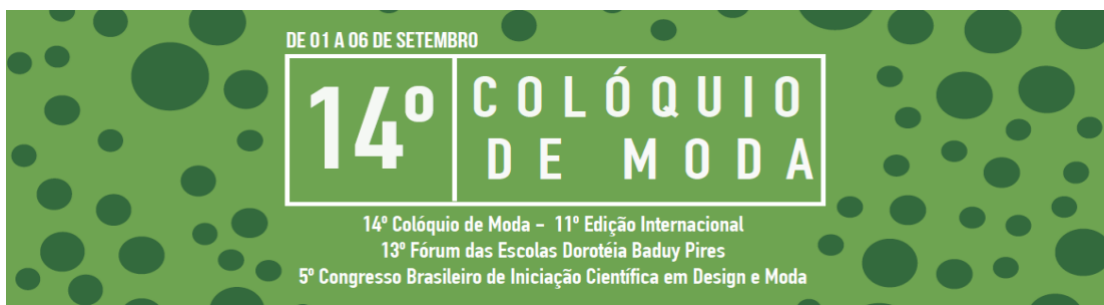
Para o desfile da Gucci, o estilista Alessandro Michele distribuiu convites em forma de bomba-relógio, o que funcionou como uma antecipação do conceito de mundo a ser trabalhado na passarela, um mundo pós-apocalíptico, em que as linhas entre passado e futuro e vida e morte são quase imperceptíveis.

Assim, a medicina, prática que “faz morrer e faz viver”, mostra-se o lócus acertado para fazer o desfile acontecer e apresentar o cyborg. Imagina-se que é neste ambiente estéril que são confeccionados esses novos humanos (já não tão humanos assim).

A aproximação da sala cirúrgica a uma fábrica de humanos não-humanos traz à cena outra característica importante a ser debatida no desfile: a transformação do humano em mercadoria por meio do consumo. A imagem dos modelos segurando a própria cabeça como se fosse um acessório e também quando os modelos estão vestidos de capa de guardar roupa revela essa associação entre homem e mercadoria.

Desse modo, a categoria do consumo mostra-se essencial para a compreensão das novas dinâmicas identitárias, em que a moda, por exemplo, é capaz de promover novas subjetividades, apresentando-se como promotora de biossociabilidades, de modo que cria condições de aproximação entre os sujeitos por meio do consumo de estéticas, materialidades, e principalmente estilos de viver.

As culturas do consumo contemporâneas promovem novas formas de sociabilidades, que são produzidas na interação do capital e do ideário das culturas do consumo com as biotecnologias e a medicina. Os ciborgues de Michele, inspirados em Haraway, são, sem dúvidas, consumidores, ávidos por novidades e transformações, que buscam construir suas identidades realizando um movimento duplo: ao passo que consomem cotidianamente e corporalmente todos os estilos, todos os gêneros e todas as religiões, também rejeitam qualquer modelo permanente de definição de si.



Referências

HARAWAY, J. Donna. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

TOMAZ, Tadeu. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

ORTEGA, Francisco. **Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades**. Rio de Janeiro, RJ: Cadernos Saúde Coletiva, 2003.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

RABINOW, Paul. "**Artificialidade e iluminismo**: da sociobiologia à biossociabilidade", in Paul Rabinow, *Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999.

